



A Brigada Judaica na Segunda Guerra Mundial: os verdadeiros bastardos inglórios

The Jewish Brigade in World War II: the real Inglorious Basterds

Felipe Cittolin Abal*

Resumo: Este artigo estuda a formação da Brigada Judaica, formação militar sob o comando do Exército Britânico, que atuou na Segunda Guerra Mundial a partir de novembro de 1944. A Brigada era composta exclusivamente por militares judeus oriundos da Palestina e teve papel de destaque na ocupação da Itália. Ainda, membros da Brigada atuaram no sentido de resgatar sobreviventes judeus da Europa, enviando-os clandestinamente para a Palestina. Ao final da Segunda Guerra Mundial foram formados grupos de vingadores dentro da Brigada Judaica, com o objetivo de encontrar e executar nazistas culpados de crimes. O fato de ter existido uma Brigada Judaica e de alguns de seus membros terem participado desses grupos de vingadores detém semelhança com o filme *Bastardos inglórios*, escrito e dirigido por Quentin Tarantino. Obviamente a obra cinematográfica não relata a verdade histórica, porém, existiram verdadeiros “bastardos inglórios”, judeus que lutaram pela sua dignidade em busca de vingança.

Palavras-chave: Brigada Judaica. Segunda Guerra Mundial. Vingadores.

Abstract: This paper studies the formation of the Jewish Brigade, a military formation under the command of the British Army in World War II since November 1944. The Brigade was composed exclusively by Jewish militaries from Palestine and took a part in the occupation of Italy. Also, members of the Brigade acted in the rescue of Jewish survivors in Europe, sending them secretly to Palestine. At the end of the war groups of avengers were formed inside the Jewish Brigade, with the aim to find and execute Nazis guilty for war crimes. The existence of the Jewish Brigade and the fact that some of it's members had participated in avengers groups have similarities with the movie “Inglorious Basterds”, from the director Quentin Tarantino. The movie does not relate a historical truth, but there was a group of real “inglorious basterds”, jews that fought for their dignity, searching for vengeance.

Keywords: Avengers. Jewish Brigade. World War II.



Introdução

No filme *Bastardos Inglórios*, 2009, de Quentin Tarantino, a primeira aparição do personagem Aldo Raine, interpretado por Brad Pitt, é extremamente marcante. Uma figura que, apesar da sua aparência agradável, revela a dureza de um militar que deseja cumprir com sua missão, a qual vai ao encontro de seus mais profundos desejos de um judeu norte-americano, fazendo dele um soldado perfeito. De frente para aqueles que formariam o seu pelotão, Raine faz seu discurso:

Meu nome é Tenente Aldo Raine e estou formando uma equipe especial. E eu preciso de oito soldados. Oito soldados judeus-americanos. Vocês devem ter ouvido boatos de que a frota estaria partindo em breve. Bem, nós partiremos um pouco antes. Nós desceremos na França, vestidos como civis. E, uma vez que estivermos em território inimigo, fazendo emboscadas como guerrilheiros, faremos uma coisa e apenas uma coisa: matar nazistas (TARANTINO, 2009).

A história do filme se passa em uma versão ficcional da Segunda Guerra Mundial, no qual esse grupo formado pelo Tenente Aldo Raine, os “bastardos inglórios”, além de matarem grupos de nazistas, conseguem, ao fim, se infiltrar em uma sessão de cinema onde estão presentes as maiores figuras do Partido Nazista, como Goebbels, Goering, Bormann e o próprio Hitler, e, ao fim, matar todos eles, acabando com a guerra antes que o fatídico “Dia D” sequer ocorresse.

O filme não possui, nitidamente, verossimilhança histórica, porém pouco é divulgado a respeito da participação de soldados judeus durante a Segunda Guerra Mundial e principalmente do seu maior símbolo, que posteriormente seria tido por muitos como um dos primeiros passos para a formação do Estado de Israel: a Brigada Judaica.

Este artigo busca expor a atuação da Brigada Judaica durante a Segunda Guerra, um fato histórico pouco explorado pela historiografia nacional, passando-se pela sua formação e ressaltando o seu papel como símbolo da luta



da população judaica à época e também como fomentador da imigração de judeus europeus para a Palestina.

Ainda, deve-se destacar as atitudes dos membros da Brigada Judaica frente aos nazistas e, por fim, de forma breve, a atuação de alguns desses militares judeus junto a grupos de *Nokmim*, palavra hebraica para vingadores, grupos de *partisans* que buscavam vingança frente às atrocidades cometidas pelos nazistas.

Para tanto, em um primeiro momento se tratará da formação da Brigada Judaica para posteriormente passar-se a discorrer a respeito da atuação da Brigada ao final da Segunda Guerra Mundial e, por fim, apontar sucintamente para a participação de alguns de seus membros nos grupos *Nakam*.

Para a realização deste artigo serão utilizadas, em especial, duas obras sobre o assunto, “The Jewish Brigade: an Army With Two Masters 1944-1945”, escrito por Morris Beckman, e “The Brigade: an Epic Story of Vengeance, Salvation, and WWII”, de Howard Blum. Apesar da grande relevância desse tópico, poucos livros foram escritos a respeito do assunto, tornando necessária a utilização de depoimentos de ex-membros da Brigada Judaica, assim como demais obras a respeito da Segunda Guerra Mundial, a fim de realizar uma contextualização.

1 O mandato Britânico na Palestina e a formação da Brigada Judaica

Após o final da Primeira Guerra Mundial, a Liga das Nações, em 24 de julho de 1922, concedeu à Inglaterra poder de mandato sobre a Palestina para, conforme o preâmbulo do acordo, “o estabelecimento da Palestina como a nação para o povo judeu, restando claro que nada deve ser feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não-judaicas na Palestina” (LIGA DAS NAÇÕES, 1922). A autorização da Liga das Nações chegava com quatro anos de atraso, uma vez que a Grã-Bretanha já governava militarmente o local desde 1918, após um acordo realizado com a França (WEIN, 2015).

A Inglaterra, segundo a concessão, teria poderes administrativos, legislativos e judiciário sobre toda a área Palestina. Quando, em 1939, a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha, uma grande quantidade de judeus palestinos se alistou para lutar nas tropas da Sua Majestade. O seu desejo de lutar sob a própria bandeira judaica, porém, seria atrasada por mais de quatro anos.

Pouco após a declaração de guerra, em 28 de agosto, a Agência Judaica, órgão em prol dos interesses judaicos na Palestina, por meio de seu representante,



Weizmann, exprimiu os interesses dos judeus em se juntarem à luta. Apesar de agradecer as intenções dos judeus, o Primeiro Ministro britânico à época, Neville Chamberlain, não acatou a proposta imediatamente. Apenas no início de 1940, com a necessidade cada vez maior de soldados é que foi autorizado pelo Quartel General no Cairo o alistamento de um Corpo Militar Auxiliar, o Regimento Palestino, cujos comandantes seriam britânicos e utilizariam uniformes com distintivos com referência à Palestina. A primeira unidade, apesar dos desejos de que fosse composta igualmente por árabes e judeus, possuía 90% de soldados judeus (BECKMAN, 2009, p. 16-17).

A criação de unidades especiais compostas por grupos étnicos não seria uma exclusividade britânica durante a Segunda Guerra Mundial que, além do Regimento Palestino dispunha do Corpo Polonês do General Anders e a Royal Hellenic, formada por gregos. A França possuía as Unidades Livres Francesas, compostas por senegaleses, algerianos e marroquinos e os Estados Unidos detinham uma divisão segregada para negros e um grupo de combate de sino-americanos (ABSALON, 1995).

Em 1940, foram criadas unidades judaicas, responsáveis por apoio logístico às demais tropas britânicas e coloniais. Estas companhias foram colocadas sob o *East Kent Regiment*, conhecidos como *the Buffs*. Primeiramente, suas funções foram restritas à Palestina. Durante esse período, as suas funções, ligadas a transporte e apoio às demais tropas, e a falta de treinamento com armas e de equipamentos para a realização de seu trabalho, acabaram gerando uma grande frustração para os membros das unidades judaicas, os quais desejavam lutar contra os inimigos sob a bandeira judaica (BECKMAN, 2009, p. 26).

Foi somente no ano de 1943 que foram formados os três Batalhões de Infantaria do Regimento Palestino. Estes batalhões contavam com cinco por cento de árabes, os demais membros eram voluntários judeus dos mais variados países, como Etiópia, Iêmen e europeus que haviam fugido dos nazistas. Finalmente os judeus que desejavam lutar obtiveram treinamento com armamentos, sendo enviados, posteriormente, ao Egito, para realizar serviços de guarda ao longo do Canal de Suez (BECKMAN, 2009, p. 57-58). A ânsia de entrar em batalha contra o maior dos seus oponentes, os nazistas, permanecia.

Em 1944, algumas unidades palestinas foram enviadas à Itália, realizando, porém, apenas funções de suporte, não se engajando em batalha. Winston Churchill, Primeiro Ministro Britânico, após discussões com membros da Agência Judaica, finalmente decidiu tomar partido para a formação de uma



força de combate judaica. Em 28 de setembro de 1944, ele se dirigiu ao parlamento britânico:

O Exército Britânico na Itália inclui, também, unidades palestinas; e aqui eu gostaria de mencionar o anúncio [...] que o governo decidiu conceder o pedido da Agência Judaica para a Palestina que uma Brigada Judaica deve ser formada e tomar parte ativamente das operações. Eu sei que existe um vasto número de judeus servindo em nossas forças e nas forças americanas por todos os exércitos, mas me parece deveras apropriado que uma unidade especial judaica, uma unidade especial da raça que tem sofrido tormentos indescritíveis pelos nazistas deve ser representada como uma formação distinta entre as forças unidas para a derrota final dos nazistas, e eu não tenho dúvidas que eles não somente farão parte da luta como também da ocupação que seguirá (CHURCHILL, 1944).

Em 31 de outubro de 1944, os três batalhões partiram de Burj Al Arab com destino em Taranto, na Itália. Agora a nova Brigada Judaica fazia parte do 8º Exército Britânico e, na segunda semana de novembro, se deslocaram para Fiuggi, onde receberam treinamento militar moderno, incluindo ataque com pelotões, cruzamento de rios, guerra urbana, desativamento de minas, entre outros (BLUM, 2002, p. 25-28).

Dois fatos eram ainda mais animadores para os membros da Brigada Judaica: os soldados eram equipados com armamento moderno, prontos para o combate e, mais importante, os membros da Brigada podiam ostentar em seus uniformes a Estrela de David dourada em um fundo azul e branco (BECKMAN, 2009, p. 62).



Fig. 1: Bandeira da Brigada Judaica.¹

Os homens da Brigada Judaica estavam ansiosos para terminarem seu treinamento e poderem ingressar em batalha, antes que a guerra chegasse ao fim. Seu desejo em breve seria atendido.

2 A Itália em guerra e a Brigada Judaica

A Brigada Judaica entraria em ação em um momento em que a vitória aliada era praticamente inevitável. Em agosto de 1944, a ofensiva russa levara o Exército Vermelho até a fronteira da Prússia Oriental, ingressara na Finlândia e conquistara a Romênia. No mesmo mês, a Bulgária se retirou da guerra, fazendo com que as tropas alemãs tivessem que sair rapidamente do país, enquanto, em setembro, a Finlândia se rendeu, virando-se contra as tropas alemãs que se recusavam a evacuar o seu território (SHIRER, 1990, p. 1085).

Em 25 de agosto, Paris havia sido liberada por tropas francesas e norte-americanas e o exército alemão estava em franca retirada. Bruxelas caíra nas mãos dos aliados no início de setembro, assim como a Antuérpia. Enormes avanços foram feitos na Bélgica. Ao fim de agosto, o exército alemão havia perdido 500.000 homens, metade deles feito prisioneiros, e quase todos seus tanques e equipamentos de combate (SHIRER, 1990, p. 1086).



Na Itália, em julho de 1943, iniciou a invasão aliada na Sicília e após 39 dias esta se encontrava sob controle e a Itália continental estava à vista dos aliados (GILBERT, 2014, p. 564). O início de 1944, foi marcado pelo sucesso das campanhas aliadas. No dia 22 de janeiro, tropas britânicas e norte-americanas desembarcaram em Anzio e Nettuno, encontrando pouca ou nenhuma oposição por parte dos italianos ou alemães. A notícia trouxe desespero para os nazistas, que começaram a pôr em prática planos para conter o avanço aliado (BEEVOR, 2012, p. 3-5).

Foi apenas em 04 de junho de 1944, quase um ano após o início da invasão da Itália, que Roma foi libertada do domínio nazista, rompendo a chamada Linha Gustav, traçada para conter o avanço aliado e, dois dias depois, ocorria o desembarque aliado na Normandia, tirando o foco dos aliados das batalhas na Itália, permitindo que os nazistas, cada vez mais acudados, conseguissem manter controle de uma área no norte da Itália.



Fig. 1. As Linhas Gustav e Gótica, estabelecidas pelos alemães para resistir aos avanços aliados.²

Em setembro de 1944, Churchill defendia a continuação da campanha na Itália, quebrando a nova linha defensiva alemã, chamada de Linha Gótica, entre as cidades de Pisa e Rimini. Quando seu conselho se posicionou contrariamente, dizendo que a Itália agora era de segunda importância, o Primeiro Ministro



chegou a cogitar um complô contra ele, uma vez que não via como as forças presentes naquele país conseguiriam entrar no Vale do Pó e avançar pelos Alpes até Viena sem qualquer apoio militar (BEEVOR, p. 15). Somente em 1945, por meio de um conglomerado internacional composto por canadenses, neozelandeses, sul africanos, poloneses, gregos e a Brigada judaica, é que avanços seriam feitos pela Linha Gótica.

A Brigada Judaica, no início de 1945, ainda realizava treinamentos em Fiuggi, sofrendo com o intenso frio europeu depois de terem passado a maior parte de seu tempo no exército atuando no calor do Egito. Além de entrarem em contato com os moradores do local, os soldados puderam conversar com membros de outras unidades e as atrocidades cometidas pelos nazistas, que já eram de seu conhecimento, ficavam cada vez mais claras. Lutar contra os alemães não seria um mero dever de guerra, mas uma questão pessoal.

No dia 1º de março de 1945, o serviço de inteligência do exército britânico emitiu o seguinte comunicado:

A atual ofensiva russa dá vazão a especulações sobre o futuro das tropas alemãs na Itália. A estratégia geral do Alto Comando não aparenta, no entanto, ter mudado – isto é, segurar o quanto for possível as linhas defensivas alemãs. Existe um extenso programa que pode indicar a defesa com grande tenacidade dos recursos do norte da Itália. Parece, realmente, que o MARECHAL DE CAMPO KESSELRING não recuará a não ser que seja empurrado, e empurrado com força (BLUM, 2002, p. 56).

Esta era a notícia esperada pelos soldados judeus. Kesselring, o comandante das tropas alemãs na Itália estava pronto para usar todos os meios necessários para assegurar seu poder sobre o norte da Itália, sendo fundamentais, então, ofensivas por parte dos aliados. Finalmente, em fevereiro de 1945, a Brigada foi colocada sob o comando do 5º Corpo e designada para o setor norte de Faenza, próximo ao rio Senio, chegando no início de março ao front em Alfonsino, ao norte de Ravenna.



O relato oficial do Regimento *North Irish Horse* que também estava junto ao 8º Exército assim dispõe:

4 de março: A Brigada Judaica assumiu o setor da linha sul da Rota 16. Um esquadrão assumiu parte das funções da 2ª Brigada de Blindados em apoio a esta Brigada Judaica. Estes judeus foram recrutados na Palestina e conseguem, em sua maioria, falar inglês. Eles foram muito sagazes e, embora esta seja sua primeira experiência em batalha, eles se estabeleceram muito rápido e foram fáceis de trabalhar em conjunto (NORTH IRISH HORSE, 1945).

Do outro lado do rio, o inimigo aguardava. Os membros da Brigada estavam de frente com a 42ª Divisão Jaeger e a 362ª Divisão de Infantaria, compostas, em sua maioria, por filiados ao Partido Nazista ou membros da SS. A principal missão da Brigada era fazer patrulhas agressivas, tomar a margem sul do rio dos alemães e capturar prisioneiros para interrogação. A Brigada não demorou para iniciar suas atividades (BECKMAN, 2009, p. 64).

Em 20 de março, noventa e seis homens da Brigada estavam reunidos para aquela que seria a primeira batalha de um exército judaico depois de dois mil anos. Os alemães foram pegos de surpresa e só começaram a reagir quando a força de ataque passava a linha de árvores e avançava rapidamente em campo aberto. Após o combate, os soldados haviam conquistado dois prédios ocupados pelos nazistas e capturado oito prisioneiros. Os judeus haviam vencido os alemães (BLUM, 2002, p. 92-98).

A eficácia do ataque surpreendeu o Regimento Irlandês, restando anotado no seu diário de batalha:

20 de março – Os judeus enviaram patrulhas reforçadas às 1000 horas, apoiadas pela Tropa nº 4 do Esquadrão A. Duas casas ocupadas pelo inimigo foram capturadas e oito prisioneiros foram aprisionados – extremamente valiosos



para identificação no atual estágio (NORTH IRISH HORSE, 1945).

A captura dos prisioneiros foi uma situação delicada. Quando os nazistas viam os distintivos azul e brancos, seu semblante era alterado de apreensivo para petrificado. Um dos prisioneiros chegou a urinar em suas calças à vista dos soldados judeus. Um dos membros da Brigada, o Cabo Rosenblum, que havia fugido de Buchenwald,³ viu que um dos soldados capturados ostentava o distintivo da SS. Antes que pudesse atirar no prisioneiro seus companheiros tiraram dele o seu rifle. O Tenente Sabra, que comandava a patrulha, falou para Rosenblum: “Eles são necessários para interrogatório. Mate os bastardos em batalha” (BECKMAN, 2009, p. 65).

É claro que a realidade é muito diversa da ficção. Enquanto os “bastardos inglórios”, de Quentin Tarantino, executavam todos os nazistas que encontravam, deixando apenas um para disseminar a história, os membros da Brigada Judaica se esforçavam para deixar os seus sentimentos de lado e cumprir com seus deveres o que, naquele momento, era uma vitória suficiente. Após a guerra a situação se transformaria.

Hanoch Bartov, que serviu como médico para a Brigada Judaica, relatou posteriormente o sentimento de tomar nazistas como prisioneiros após outra patrulha bem-sucedida realizada:

Foi simbólico... Foi um grande símbolo. Foi um grande símbolo. É por isso, eu imagino, que todos falam sobre este incidente. [...] Quando você está no front, você não vê o inimigo. [...] Você só vê o inimigo quando há um combate... quando há, você sabe, um combate frontal. Então, mesmo quando nós estávamos no front, nós ainda não tínhamos o sentimento de que estávamos agora lutando contra os alemães, que estávamos vencendo, que estávamos conseguindo. Eu ainda me lembro daquele... acho que era um dia de abril, início de abril pela manhã, pelas 10:00h... e a patrulha saiu. E eu fiquei parado olhando na direção para onde foi o pelotão e, de repente, eu vi um soldado alemão correndo, depois outro, depois



outro [...] E então eu percebi que eram prisioneiros, eu saio e vejo esses 14 prisioneiros que capturamos. Nós finalmente capturamos prisioneiros alemães e eles se comportavam como prisioneiros. Um deles começou a dizer *Ich Bin ein Sozialdemokrat. Mein father was ein Sozialdemokrat*. Você sabe “Eu sou um social-democrata. Meu pai...” [...] E, de verdade, levar alemães para a prisão e ver eles, você sabe, como uns malditos apavorados, foi um sentimento maravilhoso (BARTOV, 1996).

O relato de Bartov, apesar de conter alguns equívocos em virtude do tempo que se passou desde sua participação na guerra, especialmente quanto a datas,⁴ é de grande valia para que possa ser exposto o estado psicológico dos participantes da Brigada Judaica.

O dia 03 de abril foi histórico. A bandeira azul e branca com a Estrela de David dourada foi formalmente içada no quartel-general da Brigada na Itália. Agora, nas palavras de Beckman, “Aqueles que foram forçados pelos nazistas a usar a estrela como um distintivo vergonhoso agora a viam com um símbolo de honra” (BECKMAN, 2009, p. 69).

A bandeira, assim como a utilização do hebraico como língua principal para comunicação entre os membros da Brigada serviram, certamente, como um fator de união portador de uma simbologia muito importante, representando, como coloca Hall (2006, p. 52), “as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal ‘comunidade imaginada’, nos vemos [...] como compartilhando de tal narrativa”. Apesar do Estado de Israel ainda não existir à época, a busca por uma nação já era efetuada pelos movimentos sionistas.

Entre março e o final de abril, a Brigada ainda participaria de outras patrulhas com resultados positivos e agora esperava pela ofensiva final da campanha italiana. Era imperativo que uma grande operação fosse realizada para expulsar os alemães da Itália.

O dia decisivo chegara. Em 10 de abril, começou a ofensiva geral e cabia à Brigada Judaica atravessar o rio Sena e ocupar as posições alemãs. Após um bombardeio aéreo, as tropas avançaram pelas pontes provisórias feitas pelos engenheiros da Brigada. Para surpresa dos soldados, poucos tiros foram



ouvidos. Apenas alguns soldados nazistas haviam permanecido para resistir. Os alemães haviam recuado e a Brigada tomou o lado norte do rio (BLUM, 2002, p. 134).

Na realidade, a retirada alemã ia muito além do Senio. Dois dias depois, a Brigada tomou o Monte Ghebbio sem qualquer resistência e a rota dos aliados seguiu pela Itália, passando por Forlì, Imola e chegando aos arredores de Bologna, onde foi ordenado que a Brigada permanecesse (BLUM, 2002, p. 137-138).

3 A queda do Reich e o resgate de judeus

A estadia estada da Brigada em Bologna marcou também uma das maiores ações dos soldados judeus na Europa: o resgate e reabilitação de refugiados judeus, transportando-os para navios nos portos do sul da Itália (BECKMAN, 2009, p. 116). Desde a chegada dos primeiros militares judeus na Europa, quando ainda parte do regimento palestino, essas ações já eram realizadas, mas com o estabelecimento de uma base fixa e o arrefecimento dos combates, os soldados podiam se dedicar a encontrar os judeus que haviam conseguido fugir e convencê-los a imigrarem para a Palestina, onde se esperava que em breve seria constituída a pátria judaica (USHMM, 2015).

Sobre os motivos que o levaram a realizar esta atividade discorreu Bartov, ex-membro da Brigada Judaica:

Eu não gostava do mito da *sabra*.⁵ Eu vivia na Palestina com judeus que imigraram de diversos países. Esses judeus viviam entre o passado e o presente. Alguns costumavam discutir no *Yishuv*⁶ com os árabes o os anciões judeus. Você tem que entender que nós, os jovens judeus na Palestina, membros do *Haganá* ou do *Palmach*,⁷ nos sentíamos como membros de outra tribo: jovens, fortes, pessoas com raízes. Nós sentíamos que éramos diferentes dos judeus da diáspora. Mas quando eu servi na Brigada Judaica na Segunda Guerra Mundial, encontrei o holocausto e o choque, e encontrei sobreviventes na Europa, ou, em hebraico, *Sh'erit ha-Pletah* (NASHOM, 2015).



Os membros da Brigada, frente às ondas de sobreviventes dos nazistas com quem se deparavam, formaram um Comitê de Resgate, e, sem negligenciar seus deveres, proveram os refugiados com comida, roupas e dando aulas de hebraico para as crianças, transportando-os ilegalmente para a Palestina (JVL, 2015).

Estas ações não se restringiam a Bologna e conforme os aliados ocupavam as cidades de Modena, Ferrara, Milão e Veneza, mais refugiados eram encontrados e auxiliados. Os membros da Brigada ainda revitalizavam sinagogas, algumas vezes forçando prisioneiros alemães a limpá-las e repará-las (BECKMAN, 2009, p. 118).



Fig. 3: Prisioneiros alemães saindo de uma sinagoga após trabalharem na limpeza. (BECKMAN, 2009, p. 75)

Uma das ocasiões de destaque foi quando, em junho de 1945, três judeus poloneses entregaram à Brigada uma carta de instrução enviada pela 11^a Divisão Blindada Americana, informando que, em um grande campo de refugiados em Ebensee, próximo a Salzburgo, haviam 10 mil refugiados, sendo que 1.600 eram judeus poloneses que se recusavam a voltar à Polônia. Muitos destes haviam deixado claro que preferiam cometer suicídio a retornar. Os números apresentados eram chocantes. Após receberem uma negativa quando solicitaram apoio do Quartel-General britânico, os membros da Brigada se voltaram à UNRRA (Administração de Assistência e Reabilitação das Nações



Unidas). Após negociações, conseguiram transferir os refugiados para um campo próximo a Bari, Ferramonte e Santa Maria. Os judeus poloneses estavam a salvo (BECKMAN, 2009, p. 133).

Os membros da Brigada Judaica despendiam recursos do exército para realizar essas atividades, mas as autoridades militares britânicas faziam “vistas grossas” ao fato diante da clara natureza humanitária do auxílio prestado.

Todas as unidades da Brigada, ainda, ajudavam os sobreviventes da Europa reabilitando-os mentalmente e fisicamente antes de transportá-los para a Palestina. Agindo conforme orientações do *Yishuv*, os membros da Brigada selecionavam os sobreviventes em melhores condições físicas e realizavam treinamentos com armas, o que teria grande utilidade quando do seu retorno (BECKMAN, 2009, p. 141). Estima-se que entre nove e vinte mil refugiados foram salvos pela Brigada, enquanto algumas centenas destes também receberam treinamento militar.

4 *Nakam*, a vingança

Nakam (נקם) significa “vingança” em hebraico. Apesar de, como exposto anteriormente, inicialmente o simples fato de poder ingressar em batalha contra os nazistas utilizando o símbolo de sua etnia ser o suficiente para a maior parte dos judeus, quando da rendição alemã, surgiu uma necessidade maior de reagir aos horrores cometidos contra os judeus. Dessa forma, alguns membros da Brigada Judaica começaram a praticar atos contra os nazistas que buscavam fugir da justiça, atuando separadamente ou com os grupos denominados *Nakam*, formados por *partisans*, sobreviventes do holocausto.

Desde o início das atividades da Brigada Judaica, formas de vingança mais severas já eram perpetradas pelos soldados judeus. O oficial comandante da Brigada, Brigadeiro Benjamin, afirmou:

Eu, pessoalmente, não posso culpá-los. Como um judeu canadense, cuja família residia em segurança em Londres, longe do perigo dos ataques da Luftwaffe, quando descobri a respeito do holocausto e vi o primeiro documentário dos campos, se tivesse uma arma eu teria fuzilado com felicidade aqueles responsáveis pelo mal infligido ao meu povo (BECKMAN, 2009, p. 83).



Em Tarvisio, onde muitos membros da SS passavam para fugir de punições no caos pós-guerra, soldados da Brigada começaram a planejar sua caça aos nazistas para que sua vontade de vingança fosse saciada. Membros da Brigada solicitaram sua transferência para a Unidade de Inteligência. Em posse de listas com nomes de nazistas que eram procurados, interrogatórios eram realizados e os alemães julgados e condenados sumariamente (BECKMAN, 2009, p. 175-176).

Uma das primeiras grandes informações recebidas pelo grupo foi a respeito de um casal que vivia perto da fronteira com a Áustria. O homem era um oficial da Gestapo responsável pela supervisão da deportação dos judeus, enquanto a mulher era responsável pelo confisco da propriedade dos judeus no norte da Itália. Quando dois homens da Brigada chegaram à casa onde moravam os nazistas e confrontaram o casal o homem perguntou: “Com que autoridade vocês chegam aqui no meio da noite?”, ao que um dos soldados respondeu: “Autoridade? *Ich bin Jude*”⁸ (BLUM, 2002, p. 177).

Os *Nokmim*⁹ revistaram a casa por oito horas, inspecionando cada quarto, gaveta e móvel, até chegar à lareira. Dentro da lareira estavam diversos sacos cheios de joias e alguns com documentos ligados às atividades nazistas. Vendo isso, um dos soldados puxou a sua arma e apontou para o casal. O homem, apavorado, sugeriu uma troca: “Espere! Eu posso ajudar. Eu posso te contar sobre pessoas importantes. Coronéis. Generais”. Em troca de sua vida, ele daria informações. A partir daquele momento eles eram colaboradores dos judeus (BLUM, 2002, p. 177).

Graças a essas informações, na primeira semana de atuação dos grupos, dois homens foram mortos por fuzilamento. Eles foram levados para questionamentos e nunca voltaram. Não havia um “Urso Judeu” como no filme de Tarantino, pronto para espancar nazistas com um taco de beisebol, mas ocorreram atos de justiça privada.

Johanan Peltz, 2º Tenente na Brigada Judaica, recordou a respeito da vingança e os procedimentos do *Nakam*:

[...] vingança é um sentimento muito natural. Eu não sei porque alguns pensam que vingança é ruim. Eu penso que a vingança é legítima. Se você tem um inimigo que é violento, que mata seus parentes e ele está tentando sair



impune, é legítimo matar ele. E isso é vingança. [...] Nós tínhamos que fazer de uma forma que não prejudicasse a Brigada como um todo e nós como indivíduos. Então formamos ente grupo. Não um grupo grande. Tudo devia ser secreto. Nada era escrito. [...] Nós tínhamos um grupo que era bom em coletar inteligência e avalia-la. Eles coletavam as informações e apontavam o homem, os alemães que eram culpados de assassinato e crueldades. Então tínhamos uma corte simulada de alguns homens que verificavam as provas e, se fosse o caso, sentenciavam os homens à morte. Então outro grupo entrava em ação [...] um pequeno grupo saía, encontrava o homem e o matava. Sem falar com ele, sem se envolver com ele (PELTZ, 1996).

Em uma ocasião, soldados da Brigada planejaram uma ação contra um guarda de um campo de concentração que estava escondido. Após o “julgamento” de outros nazistas, os homens haviam aprendido que a utilização de armas de fogo para a execução era um método que gerava barulho e sujeira, e testaram, então, uma nova forma. Após ser preso, o nazista foi colocado dentro de um caminhão e um dos soldados ofereceu a ele um cigarro. Quando o prisioneiro soltou a primeira baforada de fumaça, dois soldados que estavam ao seu lado colocaram uma corda ao redor de seu pescoço, cada um puxando uma ponta. O procedimento funcionou perfeitamente (BLUM, 2002, p. 199-200).

Como os “julgamentos” não eram documentados, é impossível afirmar quantos nazistas foram mortos por meio dessas atividades de vingança promovidas pelos soldados judeus. O número, provavelmente, deve ficar entre duzentos e trezentos alemães (BLUM, 2002, p. 200).

Apesar do segredo nas operações, tanto a atividade de resgate de refugiados quanto de execução dos criminosos nazistas não passaram despercebidas pelo Comando Britânico. Em julho de 1945, foi ordenado que a Brigada deixasse Tarvisio e fosse para os Países Baixos. Para Peltz, foi uma clara atitude para que a Brigada cessasse suas atividades paralelas:



[...] a Brigada foi transferida da Itália para a Bélgica e Holanda porque os britânicos sabiam que algo estava acontecendo, tanto em relação à vingança quanto ao *Aliyah Bet*, a imigração ilegal para Israel. E os britânicos pensaram que se nos afastassem da Europa ocidental nós estaríamos muito longe para causar prejuízos do seu ponto de vista. Eles estavam certos; ficou muito mais difícil. E então, claro, a Brigada foi dispersada. [...] Então o esquema inteiro entrou em colapso [...] (PELTZ, 1996).

Em agosto, o Quartel-General da Brigada foi estabelecido na área de Bruxelas, junto de algumas unidades. Outras unidades foram enviadas para a Holanda. Os membros da Brigada continuaram auxiliando os sobreviventes judeus da melhor forma que podiam, porém, como Peltz relembrou, as grandes atividades de resgate e vingança não podiam mais ser realizadas, apesar de um grande número de imigrantes ilegais ainda conseguiu chegar naquela que seria sua nova pátria: Israel.

Após a dispersão da Brigada, diversos ex-membros retornaram à Palestina e, quando da criação do estado de Israel, foram essenciais para a sua segurança, especialmente na guerra árabe-israelense de 1948, conhecida pelos israelenses como Guerra da Independência (JVLb, 2015).

Outros ex-membros permaneceram na Europa, juntando-se a grupos de vingadores judeus. Esses vingadores, assim como os grupos que haviam sido formados dentro da Brigada Judaica, lembram muito mais vividamente a história dos “bastardos inglórios”, de Tarantino.

O maior dos planos foi a tentativa de realizar uma vingança em massa contra os alemães organizada por um grupo de *Nokmim* encabeçado pelo escritor e poeta Abba Kovner. O objetivo era envenenar os reservatórios de água de Munique, Berlin, Weimar, Nuremberg e Hamburgo, matando seis milhões de alemães em retribuição aos judeus mortos (FREEDLAND, 2008).

Os “vingadores” planejaram a fundo a ação. Membros do grupo foram inseridos nas equipes que trabalhavam nas estações hídricas, plantas das tubulações foram roubadas para que apenas as áreas onde os alemães moravam fossem atingidas e, por fim, foi adquirido o veneno. Antes que o plano fosse levado a cabo, porém, o *Nokmim* que carregava o veneno foi preso por militares



britânicos, provavelmente em virtude de uma traição ocorrida dentro do grupo ou oriunda de grupos sionistas preocupados com a repercussão do ato. Havia, porém, um plano B (FREEDLAND, 2008).

Seus olhos se voltaram para o *Stalag 13*, um campo localizado em Nuremberg e destinado a prisioneiros da SS que cometeram crimes de guerra. Os “vingadores” descobriram que todo o suprimento de pães para o local vinha de um mesmo lugar. Um *Nokmim* conseguiu se infiltrar na padaria como assistente de padeiro e colocou o “medicamento” (codinome utilizado para o veneno) nos pães. Novecentos prisioneiros alemães foram envenenados, sendo que os pães envenenados deixaram pelo menos 1.900 prisioneiros doentes e, dentre eles, 207 acabaram hospitalizados, sem notícia de qualquer morte.

O trabalho de caça e execução de nazistas continuaria por mais tempo. Posteriormente alguns membros do *Nakam* chegaram a ingressar no MOSSAD,¹⁰ auxiliando na procura por nazistas fugitivos. Eles seriam os que nunca esquecerão.

Nas palavras do personagem Aldo Raine: “Você provavelmente ouviu que não estamos no negócio de capturar prisioneiros Estamos no negócio de matar nazistas. E, primo, os negócios estão bombando” (TARANTINO, 2009).

Conclusão

Apesar de a Segunda Guerra Mundial ser um dos eventos históricos mais discutidos, alguns fatos restam pouco estudados e disseminados, especialmente no Brasil. A imagem que muitos livros e filmes passam a respeito da população judaica é de pouca ou limitada resistência. Na realidade, grandes atos de resistência foram realizados contra as atrocidades nazistas, como, as revoltas em Sobibor e Treblinka e o levante do gueto de Varsóvia.

A formação de uma brigada composta por judeus e que lutou ativamente ao final da Segunda Guerra Mundial é um fato de grande relevância, desde seu início quando era submetida inteiramente aos interesses britânicos, sem qualquer reconhecimento, passando pela possibilidade de ostentar seus próprios símbolos e lutar contra aqueles que dizimavam pessoas de seu povo até após o fim da guerra, quando passaram a executar atos de vingança contra os nazistas.

O povo judeu residente na Europa teve raras chances de se defender das bem orquestradas ações dos nazistas. Coube à pressão da Autoridade Judaica e ao



apoio do Primeiro Ministro britânico Winston Churchill promover a formação da Brigada Judaica que, mais do que possuir uma participação importante para a vitória aliada, serviu como representação da capacidade dos judeus de oporem resistência aos seus opressores e como prova de que os judeus seriam capazes de possuir o seu próprio Estado.

Oscar Wilde escreveu que “a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida”. Existiram os verdadeiros bastardos inglórios. Homens que, apesar de não terem executado o grande escalão do governo nazista, saíram de suas casas voluntariamente e viajaram mais de 4.500 quilômetros para defender o seu povo e obter a sua vingança. A existência da Brigada Judaica deve ser lembrada.

* **Felipe Cittolin Abal** é doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo-RS. Graduado em Direito e Mestre em História pela mesma instituição. Professor na Faculdade de Direito da Universidade de Passo Fundo/RS.

Notas

¹ Disponível em: <<http://www.pletz.com/blog/a-brigada-judaica-durante-a-2a-guerra-mundial/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

² Disponível em: <<http://theglobalstate.com/history/the-nazis-daring-rescue-of-mussolini/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

³ Buchenwald foi um dos maiores campos de concentração criados pelos nazistas. Estima-se que cerca de 56 mil pessoas foram assassinadas no local, sendo que, destas, ao menos 11 mil eram judeus.

⁴ Segundo Blum, esta patrulha ocorreu no fim de março. Isso pode ser corroborado pelo fato que na metade de abril a Brigada já estava nos arredores de Bologna.

⁵ Termo informal que designa os judeus nascidos em Israel.

⁶ Movimento de liberação nacional na Palestina.

⁷ O *Haganá* ou *Haganah* era uma organização paramilitar judaica de caráter sionista, sendo o *Palmach* a sua força de elite.

⁸ Eu sou judeu.

⁹ Membros do *Nakam*.



¹⁰ Serviço Secreto Israelense, responsável, entre outros, pela captura de Eichmann e pelo assassinato de Herberts Cukurs.

Referências

ABSALON, Roger. Hiding History: The Allies, the Resistance and the Others in Occupied Italy 1943-1945. *The Historical Journal*, v. 38, n. 1. mar. 1995.

BARTOV, Hanoch. Entrevista concedida a Chuck Olin. Disponível em: <<http://www.library.illinois.edu/hpnl/Olin/brigade.html>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

BASTARDOS inglórios. Diretor: Quentin Tarantino. Los Angeles: Universal Pictures, 2009. 1 DVD (153 min).

BECKMAN, Morris. *The Jewish Brigade: an army with two masters 1944-1945*. Londres: The History Press, 2009.

BEEVOR, Anthony. *The Second World War*. Nova Iorque: Back Bay Books, 2012. Livro Digital.

BLUM, Howard. *The Brigade: an epic story of vengeance, salvation and WWII*. Nova Iorque: Perennial, 2002.

CHURCHILL, Winston. Discurso na Câmara dos Comuns em 28 de dezembro de 1944. Disponível em: <http://hansard.millbanksystems.com/commons/1944/sep/28/war-and-international-situation#S5CV0403P0_19440928_HOC_261>. Acesso em: 14 jan. 2015.

FREEDLAND, Jonathan. Revenge. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2008/jul/26/second.world.war>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

GILBERT, Martin. *A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.



HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. Jewish Brigade Group. Disponível em: <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/judaica/ejud_0002_0011_0_10123.html>. Acesso em: 14 jan. 2015.

JEWISH VIRTUAL LIBRARY. Jewish Defense Organizations: the Jewish Brigade group. Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/History/brigade.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

LIGA DAS NAÇÕES. The Palestine Mandate. Disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/20th_century/palmanda.asp>. Acesso em: 13 jan. 2015.

MIAMI Daily News. 2,283 poisoned in plot against SS prisoners. Associated Press. 22 abril 1946.

NASHOM, Gad. *The Jewish Brigade: the mother of the state of Israel*. Disponível em: <<http://www.jewishpost.com/archives/news/the-jewish-brigade.html>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

NORTH IRISH HORSE. *Battle Reports*. Disponível em: <<http://northirishhorse.net/wwII/BattleReports/41.html>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

PELTZ, Johanan. Entrevista concedida a Chuck Olin. Disponível em: <<http://www.library.illinois.edu/hpnl/Olin/brigade.html>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

SHIRER, William L. *The Rise and Fall of the Third Reich: a history of nazi Germany*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1990.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Jewish Brigade Group. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005275>>. Acesso em: 13 jan. 2015.



WEIN, Berel. *The British Mandate*. Disponível em:
<<http://www.jewishhistory.org/the-british-mandate/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.